

O REINO ENTRE NÓS

*Transformação de comunidades
pelo evangelho integral*

MAURICIO CUNHA
BETH WOOD

O REINO ENTRE NÓS

*Transformação de comunidades
pelo evangelho integral*

2ª Edição



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2003 by Mauricio Cunha e Beth Wood

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

2ª Edição:
Fevereiro de 2005

Ilustrações:
Eunice Ferreira da Silva
(ilustrações referentes ao capítulo 2)

Revisão:
Délnia M. C. Bastos
Wagner Guimarães

Capa:
Sonia Couto
(Sobre foto da criança Marina Berto, 11 anos,
do Projeto Família Feliz, em Belo Horizonte, MG)

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

C972r
2003 Cunha, Mauricio José Silva, 1970-
O reino entre nós — transformação de comunidades pelo
evangelho integral / Mauricio José Silva Cunha e Beth Anne
Wood. — Viçosa : Ultimato, 2003.
144p. : il.
Inclui bibliografia

ISBN 85-86539-62-7

1. Teologia social. 2. Igreja — Aspectos sociais. I. Título.

CDD. 19.ed. 261
CDD. 20.ed. 261

PUBLICADO COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORIA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 - Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

O CADI – CENTRO DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL é uma organização cristã, sem fins lucrativos, que visa prestar assistência, desenvolver e facilitar a transformação de comunidades carentes, numa perspectiva bíblica e lado a lado com a igreja local.

Para isso, o CADI atua em diversas áreas, de acordo com as necessidades e o potencial da comunidade, desenvolvendo projetos na área de educação infantil, escolinha de futebol, informática, ensino profissionalizante, saúde, alfabetização de adultos, cultura etc. O CADI também atua na área de treinamento, oferecendo capacitação e assessoria a igrejas ou instituições interessadas em implantar ou aperfeiçoar projetos comunitários de transformação integral.



CADI

Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral

Rua Dinamarca, 4

Bairro das Nações

83820-000 Fazenda Rio Grande, PR

Telefax: 41 608-1343

Site: www.cadi.org.br

E-mail: cadi@cadi.org.br;

centrointegral@onda.com.br

*Ao povo de Fazenda Rio Grande, aos
mutilados de guerras e de minas de Angola,
aos pobres urbanos de Toronto, aos
ribeirinhos do rio Purus, aos favelados de
Belo Horizonte, aos sertanejos do Nordeste e
a todos aqueles que nos ajudaram a
compreender, reconhecer e vivenciar melhor
o reino de Deus entre nós.*

OS AUTORES

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução: O reino de Deus</i>	17
1. O evangelho do reino de Deus: a redenção de tudo o que Deus criou	23
2. O coração de Deus para com os pobres	35
3. Cosmovisão e desenvolvimento	49
4. Fortalezas e ações proféticas	69
5. Obediência: atenção íntima ao Pai	79
6. Ajudando com sabedoria	87
7. Princípios de desenvolvimento comunitário	97
8. Dando o primeiro passo: conhecendo a comunidade	121
9. Esperança: a nossa expectativa em Deus	129
<i>Bibliografia</i>	137

PREFÁCIO

ERA UM SÁBADO À TARDE quando estive pela primeira vez no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral (CADI). Mauricio me convidara para falar sobre missão integral da Igreja a um grupo de pessoas vindas de diversas partes do Brasil, para um curso de capacitação promovido pelo CADI. Numa segunda oportunidade, atendendo a novo convite, participei de um encontro de capacitação promovido pelo CADI, em Fortaleza, CE. Constatei o que vinha observando em minhas viagens a serviço da Visão Mundial por vários lugares: o envolvimento de uma geração jovem, inclusive Mauricio, na prática da missão integral da Igreja. De fato, tenho encontrado muita gente responsável e comprometida com todo o evangelho de Jesus Cristo, principalmente no que se refere à missão social. Alguns têm me impressionado pela vida de oração, compromisso com suas famílias e engajamento numa igreja local.

A minha geração, nas décadas de 70 e 80, estava motivada a mobilizar a igreja evangélica brasileira para assumir um compromisso mais pertinente e conseqüente com a transformação social do Brasil. Várias iniciativas foram tomadas: implantação e implementação de projetos sociais, realização de congressos, publicação de livros e artigos em jornais e revistas, e várias outras.¹

A questão em pauta era se a responsabilidade social fazia parte da missão da Igreja e se tinha tanta importância quanto a tarefa da evangelização. Tudo indica que, a partir da década de 90, esse problema estava resolvido. O que se cobrava a partir de então dizia respeito a questões metodológicas e estratégicas: Como atender a tantas demandas sociais? Com que recursos? Quais as intervenções mais eficazes? Vale a pena realizar obras assistencialistas? Como buscar parcerias governamentais sem se corromper e sem perder o papel profético? Tais questões não são respondidas facilmente. Principalmente pela complexidade dos trabalhos sociais e pelas mudanças rápidas a que as nossas comunidades estão submetidas.

Os cenários nacionais e mundiais trouxeram várias surpresas. A injustiça encheu nossas comunidades pobres de outros atores sociais não conhecidos em décadas anteriores. A violência urbana como desdobramento do tráfico internacional de drogas fez aflorar um novo tipo de liderança que controla as favelas. Grupos marginais organizados em zonas rurais põem sob ameaça as lideranças de associações de trabalhadores do campo. São situações complicadas que demandam articulações e negociações com atores não evidentes em décadas anteriores, nas comunidades pobres. A globalização da economia liberal provocou uma inversão no papel do Estado: em vez de usar seus recursos para proteção do cidadão, passa a utilizá-los para protecionismo da empresa privada. Esses e outros fatores exigem transformação, em vários níveis da sociedade, forçam a aplicação de estratégias mais eficazes, apelam para abordagens mais criativas e, quem sabe, alternativas de intervenção ainda não conhecidas.

Mauricio Cunha e Beth Wood estão envolvidos com trabalhos em comunidades pobres desde 1994. Portanto, o que nos repassam por meio desse trabalho é fruto do engajamento e prática de vida entre os empobrecidos. Os dois reconhecem que não existe uma resposta, uma prática uniforme, um jeito estanque, para se responder a todas as situações e necessidades sociais de uma comunidade pobre. Usando-se uma mesma metodologia, os mesmos recursos para se atacar problemas semelhantes em comunidades diferentes, é possível não se obter os mesmos resultados — às vezes pela interferência de fatores subjetivos, culturais ou motivacionais. Portanto, este livro não deve ser reduzido a uma cartilha de trabalho. É muito mais a partilha de uma vivência, o compartilhar de idéias e ideais, a explicitação de crenças e valores, à luz do compromisso e cosmovisão, que, neste caso, considero de relevância e preciosidade.

Se você está iniciando alguma obra social, este livro pode apoiá-lo, estabelecendo alguns roteiros necessários no caminho. Se, porventura, seu engajamento entre os pobres já acontece há algum tempo, a leitura pode ajudá-lo a se perceber entre amigos e amigas com os mesmos sonhos e esperanças.

Acredito no potencial da igreja evangélica brasileira. Em muitos lugares sinto-me fascinado pelo amor e despojamento com que os participantes de várias igrejas se dedicam a apoiar pessoas empobrecidas e marginalizadas. Por outro lado, ainda se evidencia muita indiferença. Muitos podem, mas precisam do despertamento, alento e engajamento incondicional, que Maurício e Beth colocam neste livro, a partir de uma prática ministerial exercida por eles entre os pobres.

CARLOS QUEIROZ²
Fortaleza, setembro de 2003

Notas:

1. Com relação aos congressos, podemos citar o CBE — Congresso Brasileiro de Evangelização, em Belo Horizonte, MG, 1983; o Congresso Nordestino de Evangelização, em Recife, PE, 1987; diversos congressos para pastores e líderes, promovidos pela Visão Mundial, SEPAL, AEVB, entre outros. Quanto às publicações, citamos *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, que inclui as principais palestras do Congresso de Lausanne, Suíça, 1974; a *Série Lausanne*, uma coleção de nove estudos que resultaram de encontros posteriores, como desdobramento do mesmo congresso; *A Evangelização do Brasil – Uma Tarefa Inacabada*, que contém as palestras do CBE. Todos estes livros foram publicados por meio da parceria entre a Visão Mundial do Brasil e a ABU Editora (editora da ABUB – Aliança Bíblica Universitária do Brasil). Nesse mesmo período, vários artigos das revistas *Ultimato* e *Vinde*, por exemplo, focalizavam a missão integral da Igreja.
2. Carlos Queiroz é casado e pai de dois filhos. Nas palavras de Manfred Grellert, é um “teólogo nordestino da Igreja de Cristo e militante do reino de Deus nas lutas sociais”. Tem servido a igreja pastoreando comunidades pobres ou igrejas que assumam o compromisso de serviço aos pobres. É assessor de relações eclesiais da Visão Mundial do Brasil, professor de missiologia e realidade brasileira no Seminário Teológico de Fortaleza e presidente do CBE-2 (2º Congresso Brasileiro de Evangelização).

A IGREJA É A ÚNICA INSTITUIÇÃO CAPAZ DE MINISTRAR ÀS
NECESSIDADES INTEGRAIS DO HOMEM.

Esta é uma das principais afirmações dos autores deste livro. Uma afirmação que aparenta muita pretensão, mas que revela mais do que a verdade dentro dos planos de Deus. Revela esperança de ver concretizada a atuação da Igreja como planejada pelo Senhor Jesus Cristo: “vós sois a luz do mundo” (Mt 5.14).

Há aqui um livro para a igreja cristã que procura, em obediência à Palavra de Deus, o desenvolvimento integral do povo sofrido. Encontramos em suas linhas uma visão ampla e comprometida com o reino de Deus — a redenção de todas as coisas criadas.

No trabalho de ajuda comunitária surgem várias tensões práticas que perturbam a Igreja: Qual deve ser a real motivação da Igreja? Como atuar: assistindo, educando, transformando? A obra social prejudica a evangelização? A igreja não corre o risco de se tornar liberal quando envolvida com o trabalho comunitário?

Creio que a proposta do livro ajuda a igreja local a responder as suas questões quanto à base bíblica, à motivação, ao propósito, ao roteiro e à esperança do desenvolvimento pessoal e comunitário da sociedade, suscitando a reflexão e o encaminhamento satisfatório das tensões citadas acima.

Os autores buscam uma resposta integral para a atuação da Igreja, o que fazem de maneira concisa e clara, própria de gente que estuda, observa e vivencia o trabalho prático com pessoas reais.

Nesse sentido, temos princípios norteadores preciosos registrados no livro. Ressalto aqui alguns dos mais relevantes, ao meu ver:

1. Há uma mutualidade no servir. No crescimento pessoal e comunitário, tanto o que “ajuda” como o que é “ajudado” têm a sua parcela de contribuição.
2. O desenvolvimento está para a assistência comunitária, assim como o discipulado está para a evangelização pessoal. O desenvolvimento foi exposto como um discipulado em nível comunitário. Esta afirmação é no mínimo uma boa referência para a reflexão da Igreja.
3. Estratégias mudam de lugar para lugar, mas existem, para qualquer contexto, princípios norteadores comuns do desenvolvimento comunitário. Esses princípios ocupam o capítulo 7. São ressaltados princípios preciosos, como, por exemplo: É importante o trabalho preventivo por meio de

uma atuação direta nas comunidades, onde se originam os problemas sociais.

4. A geração de líderes locais capacitados, que servirão de multiplicadores, deve ser o propósito do trabalho comunitário. Esse princípio está intimamente ligado ao exemplo deixado por Jesus em sua vida e missão.

O último capítulo é uma conclusão mais do que apropriada e feliz para o propósito dos autores, quando indica o caminho da esperança como a alavanca para o sonho de ver pessoas transformadas e como o instrumento de luta contra todas as dificuldades que certamente encontramos no trabalho de transformação comunitária.

É meu desejo que as igrejas locais leiam e estudem este livro, usando-o como ferramenta para implantação ou continuação do trabalho de desenvolvimento comunitário corajoso, sábio e esperançoso.

JONY WAGNER DE ALMEIDA¹
Viçosa, setembro de 2003

Nota:

1. Jony é casado e tem dois filhos. Formou-se em agronomia e foi o primeiro executivo da Rebusca – Ação Social Evangélica Viçosense, fundada em Viçosa, MG, em 1981. Depois de um período de formação pastoral pouco convencional (cursos da Aliança Bíblica Universitária do Brasil e do Centro Evangélico de Missões), que incluiu uma tese intitulada *A pobreza normativa de Jesus*, foi ordenado em 1996. Atualmente é pastor da Igreja Presbiteriana de Viçosa e professor de desenvolvimento da liderança local no Centro Evangélico de Missões.

INTRODUÇÃO

O REINO DE DEUS

Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas as suas maravilhas! O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração.

Daniel 4.3

O REINO DE DEUS. EIS A RAZÃO principal da vida e ministério de Jesus Cristo. Em suas parábolas, seus ensinamentos, seus exemplos, na própria essência da sua missão, vemos o reino de Deus como questão central e objetivo primordial da sua pregação e obra.

Implantar esse reino, que não é deste mundo, constitui a obstinação de Jesus até hoje. cremos que, em comparação com a importância dada ao reino por Jesus, em geral temos falado pouco, estudado pouco, e entendido pouco do reino de Deus.

Mas o que é o reino de Deus? Como ele se manifesta? O que é preciso fazer para entrar nele?

Uma das definições mais simples, porém mais elucidativas, coloca o reino de Deus como “todo ambiente onde Deus reina”.

Onde quer que a vontade de Deus esteja sendo cumprida, aí se manifesta o reino de Deus. Alguém já disse que o inferno é uma confusão por ser um reino de muitas vontades. Mas, no reino de Deus, só há lugar para uma vontade: a do Rei.

Nesse reino invisível, Deus cumpre o seu querer. Seu governo cresce a cada dia. O reino avança nos corações, transforma vidas, famílias, instituições, nações, a própria história. E o pré-requisito para adentrarmos nesse reino é a completa submissão ao Rei. Não há atalhos. A radicalidade desse reino é tal que somos chamados a guardá-lo como o tesouro mais precioso de nossas vidas (Mt 13.44), e a buscá-lo em primeiro lugar, sobre todas as outras coisas (Mt 6.33). Vivemos tão-somente para que se estabeleça o governo de Deus.

Uma outra definição, de Stanley Jones, estadista missionário na Índia, aponta o reino como a “resposta total de Deus à necessidade total do homem”.

A compreensão dessa verdade é fundamental para compreendermos a grandeza da nossa missão. Somente a Igreja de Jesus é capaz de ministrar em relação às necessidades integrais do homem. Nenhum outro organismo ou instituição pode fazê-lo. Porque estamos aqui, vivendo e servindo a cada dia em nossas comunidades, deve haver mais do reino de Deus hoje do que havia ontem: “Para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim...” (Is 9.7).

O reino de Deus, que é revelado na pessoa de Jesus Cristo, deve estar manifesto em cada aspecto da vida de um “cidadão” do reino. Na vida devocional, na comunhão, no trabalho, no mercado público, na escola, na universidade, no lazer, na família. Como o apóstolo Paulo escreveu a Tito: “todas as coisas são puras para os puros” (Tt 1.15); e, em outra ocasião, aos coríntios: “portanto, quer comais, quer bebaís, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31). O reino de Deus santifica o comum.

A compreensão desses princípios aplicáveis individualmente é fundamental para o desenvolvimento comunitário. Quando

entendemos que o reino de Deus é completo e abrangente, e não se restringe apenas à vida devocional e às disciplinas espirituais, somos livres para ministrar junto à comunidade em todas as áreas. E isso, não como uma mera expressão de “trabalho social”, mas para que o governo de Deus cresça e se estabeleça.

O que aconteceria às nossas vidas, famílias, comunidades e nações se, num piscar de olhos, o reino de Deus se manifestasse em toda a sua plenitude? Pessoas se converteriam a Ele e passariam a conhecer o Deus verdadeiro. Relacionamentos seriam restaurados. A prostituição e a violência acabariam. Haveria provisão para todos. Enfermos seriam curados. A poluição teria fim. Justiça e paz reinariam sobre a terra. Percebemos claramente que a chegada do reino afetaria todas as áreas da nossa vida, da sociedade e da própria criação. O reino de Deus é abrangente. Ora, como Igreja de Jesus na terra, encarregados da implantação do reino, se realmente estivermos empenhados na vinda do reino, haveremos de ter, também, um ministério abrangente. O reino de Deus traz completa transformação. Em outras palavras, não há como nos mantermos comprometidos com o reino de Deus sem nos envolvermos em questões de justiça social, denúncia do opressor, violência, prostituição, miséria, saúde etc. Cabe a cada geração, em cada contexto, discernir sabiamente as áreas críticas e trabalhar para devolver a Deus o seu governo nessas áreas.

Porém, existe a realidade futura do reino. Sabemos que o governo de Deus somente será completamente estabelecido quando Jesus, o Rei, retornar para reaver aquilo que é seu de direito.

O que vivemos hoje é o reino do “agora mas ainda não”. O reino que, em cooperação com Deus, ajudamos a construir “agora”, para só vê-lo totalmente manifestado no futuro. No entanto, essa aparente tensão não nos isenta de ansiar e trabalhar pelo reino aqui e agora, o que fica claro no desafio deixado por Jesus na Parábola das Dez Minas (Lc 19.11-27). No entendimento dos discípulos, tudo o que eles teriam de fazer seria aguardar a chegada do reino de braços cruzados, “visto [...] lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente”. Todos nós um dia

seremos confrontados com a pergunta do homem nobre da parábola que partiu para uma terra distante: “o que você fez com aquilo que eu lhe dei?”

Deus deseja expandir o seu reino. Ele é ofensivo em sua conquista, e deseja usar nossos dons, talentos, habilidades naturais, tempo, recursos e energia para efetivá-la. Tudo isso para que o reino cresça e alcance as pessoas. Em Lucas 12.32 Jesus nos comunica: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agrada em dar-vos o seu reino”. Talvez esta seja uma das afirmações mais importantes da história. Reflete o prazer que o Rei tem em estender a “justiça, e paz e alegria no Espírito Santo”, resultantes do seu reinado, a todos quantos possa alcançar (Rm 14.17). Podemos ansiar e trabalhar por esse reino sem medo nem dúvida de que Deus quer mesmo o reino *entre nós*. É um reino aberto a todos quantos desejam coroá-lo Rei.

Outra característica fundamental para nós, que trabalhamos ou desejamos trabalhar com comunidades carentes, é o fato de o reino estar fundamentado na compaixão, que emerge da essência do próprio caráter de Deus. O Senhor, que tem prazer na misericórdia e de cujo trono brota a compaixão para com os povos, nos chama a esse reino, que tem a compaixão como um de seus alicerces — uma compaixão bíblica, que é muito mais do que meramente “sentir pena”, que nos chama a um compromisso pró-ativo de obediência e ações práticas.

Por último, outra realidade irrefutável do reino é a sua eternidade, a suprema verdade que revela o fato de o reino ser inabalável e de prevalecer sobre todos os intentos humanos (Hb 12.28,29). Esta certeza deve ser fator motivador para, a cada dia, nos vermos mais e mais empenhados na construção daquilo que permanecerá eternamente. Poderia haver projeto mais relevante para investirmos as nossas vidas?

Podemos ter certeza de que um dia o fogo de Deus consumirá todos os reinos humanos, para então revelar o inabalável reino de Deus. Tudo aquilo que foi gerado em Deus para manifestar o seu

governo permanecerá de pé e será estabelecido para sempre. Então será completamente respondida a oração ensinada por Jesus e repetida por milhões e milhões de discípulos — o pedido mais proclamado, o clamor mais ouvido através dos séculos: “venha o teu reino” (Mt 6.10).

CAPÍTULO 1

O EVANGELHO DO REINO DE DEUS: A REDENÇÃO DE TUDO O QUE DEUS CRIOU

Proclamando e vivendo o evangelho do reino de Deus:
redenção para o homem em todas as áreas da sua vida e da
própria criação por meio do sacrifício de Jesus.

SOMOS PARTICIPANTES DE UM PROJETO glorioso que está em andamento: o projeto do reino de Deus. Em seu maravilhoso plano, o Pai está redimindo, por meio do evangelho, todas as coisas, resgatando-as de volta para Ele mesmo. Esta é uma verdade radical e de fundamental relevância para as nossas vidas e ministérios. Precisamos compreender estas profundas verdades em seu significado completo para sermos efetivos no entendimento do agir de Deus e cooperar com Ele nesta grandiosa obra.

Neste capítulo, percorreremos toda a história de amor de Deus por sua criação, numa visão abrangente da Bíblia. Subiremos no alto da montanha e olharemos a floresta de cima, em vez de analisar, de dentro da floresta, cada árvore, cada flor, em todos os seus detalhes.

Quando Deus criou todas as coisas, Ele tinha propósitos para todas as áreas da vida do homem e para a criação como um todo. Os primeiros três capítulos do livro de Gênesis nos falam dos vários propósitos de Deus para a criação. Ele declarou sua intenção de ter comunhão com o homem, de promover relacionamento entre as pessoas, de ver o homem se relacionando de forma correta com a natureza e de ter tudo caminhando dentro da ordem da própria criação. Analisaremos quatro aspectos das intenções de Deus na sua criação.



OS PROPÓSITOS DE DEUS NA CRIAÇÃO

Costumamos chamar de parte *espiritual* da vida a comunhão entre o homem e Deus. Trata-se daquilo que é representado pelo caminhar de Adão com Deus no jardim ao fim do dia. O desejo do coração de Deus de estar junto, desfrutando de uma comunhão completa e sem fim com o homem, é evidente nos primeiros dois

capítulos e meio da Palavra de Deus. Também devemos notar que a imagem de Deus compartilhada por Ele com o homem é um elemento indispensável desta comunhão. O fato de o homem ser criativo, relacional e santo, à semelhança de Deus, faz parte do aspecto espiritual.

Num segundo aspecto, vemos que, quando Deus criou Eva para fazer companhia para Adão, Ele estava estabelecendo mais um propósito para tudo o que criara. A parte *relacional* — os relacionamentos entre os homens — começou naquele momento e incluiu comunicação, identidades diferentes e cooperação.

Em terceiro lugar, sabemos que o homem encontrava-se em meio à criação física desde o início e teve um papel importante quanto ao desenvolvimento daquilo que Deus havia criado. Quando Deus mandou o homem dar nomes aos animais, Ele estava convidando-o a iniciar o seu papel na administração e no desenvolvimento da criação. O homem foi criado para cuidar do jardim e o jardim foi criado para responder às necessidades do homem. A isso podemos chamar de aspecto *físico* da criação.

Por último, constatamos uma ordem na criação. Tudo tem o seu lugar, a sua função e os seus limites. Cada peça está interligada às outras de forma perfeita. Quando Deus se expressa sobre esta ordem nós chamamos isto de *sabedoria*. Consiste em entender e se submeter à ordem perfeita da criação e ao Criador.

Todos os propósitos de Deus na criação podem ser entendidos dentro dessas quatro áreas básicas: espiritual, relacional, sabedoria e física. É essencial entendermos esses propósitos iniciais de Deus se quisermos participar do agir atual dele.

A QUEDA DO HOMEM

O fator principal que nos impede de entender melhor esses propósitos iniciais é aquilo que acontece na segunda metade do capítulo 3 de Gênesis. O homem desviou-se dos caminhos de Deus e mudou tudo. A queda do homem trouxe consequências em todas as áreas mencionadas. Na área *espiritual*, a comunhão do homem

com Deus foi rompida (Gn 3.8-10). Na área *relacional*, surgiu o desentendimento e a desconfiança mútua (Gn 3.12,13). Na área *física*, o relacionamento de bênção planejado para acontecer entre o homem e a natureza foi quebrado. Esta quebra se manifestou nas áreas de saúde e de cuidado da terra (Gn 3.16-18). O homem também desobedeceu às diretrizes dadas por Deus e assim perdeu o entendimento e o respeito pela ordem da criação, rejeitando a *sabedoria* de Deus, o Criador de tudo (Gn 3.6).



AS CONSEQUÊNCIAS DA QUEDA EM TODAS AS ÁREAS

UM NOVO MODELO: O POVO DE ISRAEL

Logo após a terrível queda do homem, Deus, na sua misericórdia e grandeza, manifestou a sua intenção de perseverar no seu plano em relação à criação por meio de um relacionamento especial com um povo escolhido. Deus resolveu investir neste povo até que ele estivesse preparado para transmitir as suas intenções para todos as nações da terra. Nos livros seguintes da Bíblia acompanhamos a história do povo de Israel e a maneira pela qual Deus redimiu os seus propósitos no seu andar com eles.

Por meio de um sistema de sacrifícios e rituais, a comunhão entre Deus e o homem seria resgatada. Uma estrutura socioeconômica dada por Deus preservaria os relacionamentos entre os homens. Enquanto o povo permanecesse nos caminhos de Deus, eles teriam saúde e prosperidade na agricultura. Novas diretrizes foram dadas de acordo com a nova realidade. Podemos constatar que Deus trabalhou com o seu povo em todas as áreas das suas intenções, concedendo ao homem mais uma chance para andar com Ele.



DEUS TRABALHA TODAS AS SUAS INTENÇÕES COM O POVO DE ISRAEL

OS PROFETAS

Sabemos que, logo após essa grande iniciativa de graça e misericórdia da parte de Deus, o povo que Ele havia escolhido distanciou-se dos seus propósitos. Com a rejeição de Israel ao pleno desígnio de Deus, vemos a manifestação da mensagem dos profetas de forma contundente e clara, tanto no sentido de alertar Israel quanto às questões espirituais da idolatria reinante, aspectos de justiça social, corrupção, cuidado dos pobres e relacionamentos,

como ao apontar uma realidade futura do reino de Deus, em que as quatro áreas das intenções de Deus para a criação se cumprissem plenamente.



AS INTENÇÕES DE DEUS MANIFESTADAS NAS MENSAGENS DOS PROFETAS

A CHEGADA DO MESSIAS

O Novo Testamento traz uma nova iniciativa da parte de Deus para a reconciliação do homem com o Criador, abrangendo todas as suas intenções na pessoa de Jesus. Logo no início da vida de Jesus encontramos um interessante versículo — Lucas 2.52 — que nos mostra que, em sua própria pessoa, Jesus manifestou um desenvolvimento harmonioso em todas as áreas da vida. Ele cresceu em relacionamento com Deus, em relacionamento com os outros, em sabedoria e em estatura. A vida de Jesus aqui na terra nos serve de modelo, expressa as amplas intenções de Deus para o ser humano e reafirma muitas idéias e histórias do Antigo Testamento. Um bom exemplo disso é a forma como esta passagem sobre o desenvolvimento de Jesus (Lc 2.52) foi antecipada por um texto similar, referente à vida do profeta Samuel: “Mas o jovem Samuel crescia em estatura e no favor do Senhor e dos homens” (1 Sm 2.26).



JESUS SE DESENVOLVEU EM TODAS AS ÁREAS DA VIDA

No ministério de Jesus encontramos a mesma preocupação com todas as áreas da criação. Jesus ministrou reconciliação para relacionamentos e curas físicas. Ensinou as novas diretrizes de Deus para o homem. Providenciou alimento e manifestou controle sobre a natureza. Proclamou nova vida e reconciliação com Deus.

Finalmente chegamos ao ponto crucial da história. Jesus deu sua vida por nós. Sabemos que o sacrifício de Jesus trouxe a possibilidade de reconciliação do homem com Deus. Mas, infelizmente, muitas vezes temos menosprezado os outros efeitos do sacrifício de Jesus. Em Colossenses 1.20, lemos que Jesus, “havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo *todas as coisas*, quer sobre a terra, quer nos céus”. Pelo sacrifício de Jesus, há redenção hoje para todas as coisas criadas por Deus. Em Romanos 8.21 lemos que “a própria criação” será redimida por Cristo. Isso significa que tudo o que Deus criou, Ele vai redimir, em Cristo.



JESUS MINISTROU EM TODAS AS ÁREAS DA VIDA

O evangelho é a boa notícia dessa redenção completa. Inclui a boa notícia de que Deus está nos reconciliando com Ele, mas se estende à realidade de que Deus está redimindo todas as coisas. Os relacionamentos entre os homens estão sendo redimidos. Os relacionamentos do homem com a terra, com o seu próprio corpo e com a natureza estão sendo redimidos. A sabedoria está sendo redimida.

Todos os propósitos de Deus na criação serão cumpridos graças ao sacrifício de Jesus. Como Igreja, devemos proclamar o evangelho da redenção para o homem em todas as áreas da vida e da criação.

Infelizmente tivemos de criar termos como “evangelho integral” e outros para compensar a falta de entendimento da igreja atual em relação ao alcance abrangente do evangelho do reino de Deus. Precisamos de um entendimento mais amplo dos planos e propósitos de Deus para a sua criação — o que somente alcançaremos quando considerarmos as Escrituras como um todo, de Gênesis a Apocalipse. A base bíblica do trabalho de transformação comunitária só pode ser encontrada sob esta perspectiva.

O trabalho comunitário consiste na aplicação da redenção de Cristo em todas as áreas da vida humana e da criação. Isso é o evangelho.



O EVANGELHO: A RECONCILIAÇÃO DE TODAS AS COISAS

O EXEMPLO DE ESTÊVÃO

Nos capítulos 6 e 7 do livro de Atos lemos sobre um homem que viveu e ministrou o evangelho em todas as áreas da vida. Vamos estudar a vida de Estêvão para aprender com o seu exemplo. Estêvão foi nomeado pela igreja primitiva como candidato para a liderança no ministério de atendimento às viúvas. Os irmãos deveriam escolher, de acordo com o conselho dos apóstolos, sete homens sábios, cheios de fé e do Espírito Santo, para governar esta área da igreja. A vida espiritual de Estêvão já era reconhecida pela comunidade. Mais tarde, na hora da sua tribulação, encontramos Estêvão experimentando uma profunda comunhão com Jesus. É provável que essa comunhão tenha sido possível por causa de uma intimidade diária que Estêvão experimentava com Deus. As maravilhas feitas na comunidade e o perfil evangelístico de

Estêvão nos mostram que ele foi um homem que agiu com força na esfera espiritual.



A VIDA DE ESTÊVÃO: APLICAÇÃO DO EVANGELHO EM TODAS AS ÁREAS

Qual era o ministério de Estêvão? É difícil descrever, usando os termos conhecidos hoje. Sabemos que ele administrava a distribuição de comida às viúvas, o que classificariamos como aspecto físico da vida. É interessante notar que os apóstolos levaram muito a sério esse trabalho, o que é evidente pela exigência das qualificações dos ministros e pelo fato de os apóstolos imporem as mãos sobre eles no início do ministério. Podemos aprender muito com o exemplo de Estêvão para o nosso ministério entre os pobres hoje.

Devemos destacar também a influência desse ministério sobre a vida comunitária. Estêvão promoveu unidade no corpo por meio do atendimento às necessidades físicas. Agindo no Espírito, dessa forma, Estêvão foi usado por Deus para trazer cura para uma situação que ameaçava destruir a igreja primitiva. É possível que um espírito maligno estivesse tentando destruir a igreja por meio de contendas, inveja e ódio entre os povos. Caso isso realmente tenha acontecido, as ações de Estêvão foram eficazes em destruir essa

fortaleza. É importante notar também que Estêvão trabalhava em equipe — com mais seis homens — e que ele perdoou seus assassinos na hora da morte. Tudo isso nos leva a constatar que Estêvão investiu em relacionamentos, exerceu os princípios bíblicos sobre relacionamentos humanos e ministrou nessa área.

Além do próprio testemunho da comunidade sobre a sabedoria de Estêvão, podemos ler o impressionante discurso que ele fez diante de homens instruídos no tribunal. Isso nos mostra que Estêvão era um homem sábio. Ele entendeu a ordem de Deus na criação e como a história estava prosseguindo até Deus cumprir todos os seus planos.

O exemplo de Estêvão nos mostra um servo de Deus que vivia e ministrava plenamente em todas as áreas da vida. O agir dele em cada área complementava o que estava acontecendo nas outras áreas, gerando um ministério frutífero que trouxe vida para a comunidade em todos os níveis. Não foi coincidência que Estêvão foi o primeiro ministro da igreja primitiva a ser morto. Com certeza sua vida ameaçava não somente as autoridades do mundo, mas também as entidades espirituais. Por isso mesmo pode servir de exemplo para todos nós que queremos ver uma transformação profunda nas nossas comunidades, tanto no plano natural, quanto no espiritual.

CONCLUSÃO

Como pudemos claramente perceber, Deus está interessado na criação como um todo, em todos os seus aspectos, completando a obra da redenção até a manifestação plena do seu reino. Na Nova Jerusalém, vemos descrito o cumprimento dos propósitos de Deus em todos os aspectos (Is 65.17-25; Ap 21.1-4). Porém, enquanto aguardamos com grande anseio essa plena manifestação, temos de trabalhar pela implantação do reino aqui na terra. Essa é a nossa missão, essa é a nossa vida.